

## **Redes sociais online em projetos de educação a distância: o caso do projeto-piloto “Geração Movimento” (2015)**

### **Online social network in education project distance: the case of the project pilot “Geração Movimento” (2015)**

Bruno Leal Pastor de Carvalho<sup>1</sup>

#### **Resumo**

---

Em 2015, a Fundação Roberto Marinho, em parceria com o Instituto Coca-Cola Brasil e a Coca-Cola Brasil, realizou um projeto-piloto de formação continuada de modalidade híbrida (presencial e a distância) para 145 professores do Ensino Fundamental de escolas da rede pública de Joinville, Santa Catarina. Este projeto, chamado “Geração Movimento”, visou desenvolver conceitos relacionados ao corpo, a atividade física e ao movimento corporal. O presente trabalho se debruça sobre a rede social na internet que integrou à parte a distância do projeto. São focados, neste sentido, o engajamento dos participantes, suas respostas frente às estratégias de comunicação dos gestores e o uso das principais ferramentas tecnológicas desta rede.

**Palavras-chaves:** Educação a distância. Rede social. Comunidade de prática.

#### **Abstract**

---

In 2015, the Roberto Marinho Foundation, in partnership with Coca-Cola Brazil Institute and The Coca-Cola Brazil, developed a pilot project of continuing education in hybrid modality (presence and e-learning) involving 145 teachers from public schools of Joinville, Santa Catarina. This project, called “Generation Movement”, aimed to develop concepts related to the body, physical activity and body movement. This study focus on the online social network used in this project.

**Keywords:** E-learning. Social network. Communities of practice.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social (PPGHIS/UFRJ), Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. E-mail: cafehistoria@gmail.com

## Introdução

Entre julho e dezembro de 2015, 145 educadores de 18 escolas do Ensino Fundamental da rede pública de Joinville, Santa Catarina, participaram da aplicação do projeto-piloto “Geração Movimento”, desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho, por iniciativa do Instituto Coca-Cola Brasil e da Coca-Cola Brasil. O projeto teve o intuito de estimular a prática de atividade física entre estudantes e sensibilizar os docentes de diversas disciplinas quanto à importância do corpo e dos movimentos para o desenvolvimento físico e cognitivo. A relevância do projeto se torna inequívoca quando visto à luz de pesquisas recentes da área da saúde pública. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, em 2000, a inatividade física estava em oitavo lugar no ranking de causas de morte no mundo. Em 2008, já ocupava o segundo lugar, atrás apenas da hipertensão. Enquanto isso, no Brasil, segundo pesquisa realizada em 2012 com estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental, 70% dos adolescentes brasileiros são insuficientemente ativos ou inativos (PEIXOTO, 2015, pp.5-6).

A metodologia utilizada no “Geração Movimento”, criada e implementada pela Fundação Roberto Marinho desde 2004 e pré-qualificada pelo MEC no Guia de Tecnologias Educacionais de 2009, possui um modelo híbrido de educação presencial e a distância. A parte presencial se dividiu em dois momentos: o *Encontro Inicial* (realizado no começo do projeto e com o objetivo de promover a interação entre os participantes) e os *Grupos de Estudos* (encontros periódicos entre professores e coordenadores, guiados por um material didático).<sup>2</sup>

A parte a distância (via internet) consistiu um *Ambiente Virtual de Aprendizagem* (desenvolvido na plataforma Moodle, de participação obrigatória e onde os professores postaram atividades coletivas e

individuais) de em uma *Rede Social* (desenvolvida na plataforma Ning, de participação facultativa e onde os professores puderam interagir com conteúdos pré-programados e postados por outros participantes).

Este artigo se debruça especificamente sobre a rede social do “Geração Movimento”. Seu objetivo é compreender três elementos a ela relacionados: o engajamento dos participantes, suas respostas frente às estratégias de comunicação dos gestores e o uso das suas principais ferramentas. Para tal, esse texto divide-se em quatro partes: fundamentação teórica da rede; definição da rede enquanto objeto de estudo; metodologia utilizada para avaliar os três elementos aqui propostos; e resultados encontrados. Além disso, tecem-se algumas conclusões ao final. Embora saibamos desde Vygotsky (1991) que o fenômeno da aprendizagem é uma atividade eminentemente social, o grande símbolo das relações sociais em nosso tempo, isto é, as redes sociais na internet, ainda é insuficientemente explorado no que diz ao seu potencial educacional. Espera-se com este trabalho, ainda que de maneira discreta, produzir um conhecimento que contribua para uma melhor compreensão das redes sociais em projetos de educação a distância.

## Fundamentação Teórica

O “Geração Movimento” desenvolveu uma rede social na internet antes de tudo porque reconhece a centralidade dessas redes no mundo contemporâneo. Elas são parte constitutiva de praticamente todas as atuais operações pessoais e profissionais cotidianas. Impactam na maneira como se produz e consome. Poucos aspectos da vida moderna não são em nada influenciados por esse tipo de conectividade. Manuel Castells (2007), no início dos anos 2000, já alertava para uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação que vinha remodelando a base material de toda a sociedade. Castells chegou

<sup>2</sup> Os grupos foram formados no Encontro Inicial. Cada grupo possuía entre 5 e 12 professores do 1º segmento do Ensino Fundamental da mesma escola. Eles se reuniram nas escolas e as datas de cada encontro foram definidas de acordo com a disponibilidade dos participantes. Cada grupo escolheu um coordenador e seu suplente por meio de votação. Foram atribuições do coordenador: enviar as atividades coletivas ao tutor; fazer o lançamento de presença do grupo no Ambiente Virtual; administrar o tempo da Reunião presencial de Grupo para que todo o roteiro de atividades seja trabalhado.

a falar em um novo paradigma tecnológico, baseado na lógica de rede, um paradigma informacional, descentralizado, flexível e globalizado:

O paradigma da tecnologia da informação não evoluiu para seu fechamento como um sistema, mas rumo à abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos (CASTELLS, 2007, p. 113).

O "Geração Movimento" incorporou as redes sociais à matriz de seu projeto também porque acredita no valor pedagógico desses dispositivos. Em geral, projetos de educação a distância concentram suas atividades em Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVAs). Estes ambientes são muito importantes: simulam salas de aula, direcionam debates, criam vínculos entre alunos e tutores, oferecem conteúdos, permitem o lançamento de notas e funcionam como espaço para o desenvolvimento de atividades coletivas e individuais. No entanto, tendem a obedecer uma lógica *de cima para baixo*, isto é, um gestor ou um grupo de gestores determina em grande medida os debates, fluxos de comunicação, agendas, prazos e conteúdos. Esses ambientes, além disso, são pouco customizáveis pelo usuário e associados quase sempre à entrega de avaliações e cobranças. Tudo isso, em um tempo de comunicação ágil e *mobile*, das mídias sociais, da convergência tecnológica, acaba criando uma aura de desinteresse e obsolescência. Kail Giglio, Marcio Vieira de Souza e Fernando José Spanhol (2015) notam ainda que plataformas como o Moodle, de código aberto, amplamente utilizada para elaboração de Ambientes Virtuais de Aprendizagem, não favorecem a percepção do "outro" e contribuem basicamente para formalizar as interações. "Provocam um sentimento de isolamento nos usuários, o que consequentemente acarreta na ausência de uma rede de relacionamento entre eles" (GIGLIO; SOUZA; SPANHOL, 2015, p. 112).

Dotadas de outra lógica, as redes sociais na internet ajudam a quebrar a rigidez dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem tradicionais. Redes sociais

são espaços essencialmente horizontais, pouco afeitos à centralização. Destacam-se por possuir uma estrutura flexível, baseada em módulos, maleável e, principalmente, customizável, quer do ponto de vista da identidade visual, quer do ponto de vista do conteúdo. Em uma rede, abre-se a possibilidade para a criação de uma comunidade virtual e as trocas são, em geral, mais orgânicas. Todos esses elementos, embora possam ser cultivados por mediadores ou dinamizadores, nunca são programáveis. O sucesso de uma rede social na internet sempre vai depender do vínculo que cada participante ou grupo de participantes vai estabelecer com aquele espaço. É preciso que ocorra uma empatia, que as conexões sejam significativas.

Toda rede social na internet baseia-se mais ou menos naquilo que Peter Kollock (1999) chama de "Economia da Colaboração". De acordo com Kollock, em qualquer comunidade virtual o que predomina é a lógica da troca, da cooperação, as forças coletivas que se unem para solucionar problemas comuns. Desta forma, as redes sociais não só podem funcionar como um contraponto à rigidez de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, tornando a educação a distância mais humanizada e integrada, como também estão alinhadas com valores importantes na educação, tais como colaboração, protagonismo, trabalho em equipe e liderança. De acordo com Katerine Bielaczyc e Allan Collins, o conhecimento construído de forma coletiva nesses espaços opera com uma lógica que poderíamos chamar de dialética: ao mesmo tempo em que é construído por indivíduos, auxilia também na aprendizagem dos estudantes, individualmente (BIELACZYC; COLLINS, 1999, p. 19). A relevância das redes sociais online é enorme, afinal de contas, sublinha Juliano Spyer, "o principal atrativo de uma comunidade não é o seu conteúdo, mas seus participantes" (SPYER, 2007, p.86). Esse é o ganho. É aquilo que Pierre Lévy (1994) chama de "inteligência coletiva", isto é, "uma Inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em

tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1994, p. 28).

A rede social do “Geração Movimento” pode ser definida como uma rede social temática (RST). Essas redes “são conceituadas como sistemas sociais colaborativos, que associam um objeto de conhecimento (o tema da RST) a uma comunidade virtual fechada na Web” (ULBRICHT et al., 2013, p. 120). O que diferencia as RST de outras redes, como Facebook ou Twitter, por exemplo, são questões como ingresso (restrito), política de uso da rede (limitada a um determinado assunto ou problemática) e se há foco na elaboração de um conhecimento mais sistematizado e que corresponda ao tema definido pela comunidade. Uma RST funciona, em suma, como um espaço complementar a um AVA.

A rede social do “Geração Movimento”, além de ser temática, foi desenhada para se tornar uma *Comunidade de Prática* (CoP), conforme conceito desenvolvido, no início dos anos 1990, pelos antropólogos Etienne Wenger e Jean Lave (1991). Em síntese, as Comunidades de Prática são definidas da seguinte forma:

Comunidades de prática são grupos formados por pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre algo, e que aprofundam conhecimentos e experiências em uma determinada área interagindo com uma base contínua. [...] Essas pessoas não necessariamente trabalham juntas todos os dias, mas elas se encontram porque acreditam no valor de suas interações. Como passam algum tempo juntas, elas naturalmente compartilham informações, *insights* e conselhos. Ajudam umas as outras a resolverem problemas. Discutem suas situações, suas aspirações e necessidades. Refletem sobre questões comuns, exploram ideias e funcionam como caixas de ressonâncias. Podem criar ferramentas, padrões, modelos, manuais e outros documentos – ou elas podem simplesmente desenvolver um conhecimento tácito que

compartilham. [...] Elas também desenvolvem relações pessoais e estabelecem maneiras de interagir. Elas podem até mesmo desenvolver um senso comum de identidade. Elas tornam-se uma comunidade de prática. (WENGER; SNYDER; MCDERMOTT, 2002, p. 4-5)<sup>3</sup>

Engenheiros de uma empresa de computação podem formar uma Comunidade de Prática para otimizar processos e fazer circular o conhecimento acumulado ao longo dos anos dentro de uma organização. Alunos com dificuldade de aprendizagem podem formar uma Comunidade de Prática para compartilhar estratégias de resoluções de problemas matemáticos. Professores podem formar uma Comunidade de Prática para trocarem sequências didáticas e métodos de avaliação bem-sucedidos. Como se pode inferir, Comunidades de Práticas são formas de codificar o conhecimento, de organizar uma inteligência coletiva, de materializar saberes e experiências que até então se encontravam dispersas e que, não raro, perdiam-se. Uma Comunidade de Prática é ainda definida por três dimensões: domínio, comunidade e prática.

O domínio define a área de conhecimento, de interesse ou a atividade humana comum aos seus membros. É a base ou a fundação sobre a qual a comunidade se reúne. A comunidade é o elemento central. Trata-se de um grupo de pessoas (ou um grupo social) que interage entre si, aprende, constrói relações e desenvolve um senso de identidade, de comprometimento e de pertencimento. Finalmente a prática, que corresponde a práxis, a perícia, a especialidade, a experiência de fazer algo com perfeição. Ela define uma série de modos socialmente definidos de realizar coisas em um determinado domínio: técnicas e abordagens comuns, padrões definidos de modo consensual, soluções de problemas e outros artefatos construídos socialmente. Assim, para existir uma Comunidade de Prática faz-se necessária a existências desses três componentes. A ausência de um deles sequer, impossibilita a formação de uma autêntica CoP, ou seja, pode configurar uma associação ou grupo de pessoas, mas que não constitui

<sup>3</sup> Original, em inglês: “Communities of practice are groups of people who share a concern, a set of problems, or a passion about a topic, and who deepen their knowledge and expertise in this area by interacting on an ongoing basis. [...] These people don’t necessarily work together every day, but they meet because they find value in their interactions. As they spend time together, they typically share information, insight, and advice. They help each other solve problems. They discuss their situations, their aspirations, and their needs. They ponder common issues, explore ideas, and act as sounding boards. They may create tools, standards, generic designs, manuals, and other documents—or they may simply develop a tacit understanding that they share. However, they accumulate knowledge, they become informally bound by the value that they find in learning together. [...] They also develop personal relationships and established ways of interacting. They may even develop a common sense of identity. They become a community of practice”.

o que denominamos de Comunidades de Prática (BRAGA, 2012, p. 45).

Mas qual a diferença entre rede social e Comunidade de Prática? Não seriam a mesma coisa? As duas formações sociais são semelhantes, mas não podem ser tomadas como sinônimos. “Comunidades de Prática podem ser interpretadas como um tipo de evolução vertical de uma rede social, onde os membros compartilham um interesse em uma área ou domínio, e trocam experiências práticas para aumentar seus conhecimentos e habilidades relacionados aquele campo específico”. (DE MARSICO et al., 2014, p. 1). As redes sociais podem ser ou não Comunidades de Prática. Essa transformação (ou acúmulo de função) só vai acontecer se houver a construção de uma prática compartilhada, isto é, se os participantes compartilharem saberes, experiências e construir o conhecimento conjuntamente. Um bom indício de que uma rede social se tornou, de fato, uma Comunidade de Prática, são as interações dos participantes entre si e com os conteúdos da rede. É possível encontrar, por exemplo, um site de rede social com as mais modernas ferramentas colaborativas e, apesar de tudo, seus participantes serem pouco ou nada engajados, usando a rede mais como um ponto de encontro do que como lugar de partilha.

Para Carles Monereo e César Coll, o potencial das CoPs para a educação é enorme:

Vamos assinalar ainda que o conceito de comunidade de prática, quando associado a projetos educacionais, permite aproximar a experiência escolar da vida cotidiana em pelo menos três dimensões: a primeira, interna da escola ou da sala de aula, aponta para a possibilidade de criar “experiências de aprendizagem na prática” por meio de participação em comunidades sobre temas associados aos conteúdos curriculares (a comunidade de biologia, de química, de fotografia, etc.). A segunda, que se refere à relação da escola com o ambiente, advoga em favor de vincular a experiência dos estudantes com as práticas reais mediante formas periféricas de participação em comunidades que estejam fora das paredes da escola. E a terceira, relacionada com a satisfação das necessidades de aprendizagem ao longo da vida, sugere a conveniência de promover a organização de comunidades de prática que, fora dos períodos escolares iniciais e comuns, concentrem-se em temas ou tópicos de interesse para os estudantes. Comprova-se, segundo esta perspectiva,

que a escola não é um mundo insulado, fechado, no qual os estudantes adquirem o conhecimento que aplicarão fora, mas que faz parte de um sistema mais amplo de aprendizagem. (COLL, MONERO, 2010, p. 273.).

O desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente a internet, possibilitou o aparecimento de Comunidades de Prática Virtuais. Essa nova modalidade de CoP beneficia-se amplamente de novas ferramentas tecnológicas que otimizam o trabalho em grupo, desde a sistematização de saberes e sua circulação até a quebra de barreiras geográficas. Com a internet, é possível tornar as Comunidades de Prática ainda mais diversas, reunindo pessoas que habitam diferentes tempos e realidades espaciais. Neste sentido, a rede social do Geração Movimento foi pensada como uma Comunidade de Prática Virtual. Esperava-se, assim, conectar educadores dispersos por diferentes escolas públicas do município de Joinville.

## O Objeto

A rede social do “Geração Movimento” foi desenvolvida em uma plataforma norte-americana chamada *Ning*. Ela foi criada com o objetivo principal de promover a troca e a circularidade de experiências e conhecimentos entre os participantes do programa a partir de uma Comunidade de Prática Virtual, de modo a arregimentar forças para solucionar problemas e a desenvolver diversas competências pedagógicas fundamentais ao educador de hoje, como o trabalho em equipe, a liderança e a comunicação.

Todos os educadores envolvidos no projeto foram inscritos na rede. A participação na mesma, no entanto, foi facultativa. Não havia entrega de tarefas e nem cronograma para o participante seguir. A participação do educador deveria ser completamente espontânea. O espaço, porém, contou com a atuação de dois gestores de comunicação.<sup>4</sup> O trabalho desses gestores consistia em enviar mensagens, disparar boletins informativos, tirar dúvidas de navegação, propor fóruns, criar grupos de estudos temáticos, realizar campanhas virtuais visando o engajamento dos participantes e diversas outras ações para tornar a rede interessante e convidativa.

A principal forma de comunicação entre os gestores e os usuários ao longo da aplicação-piloto foi o Boletim Informativo. Esses boletins eram disparados semanalmente através da ferramenta de difusão de mensagens da própria plataforma Ning. Eles reuniam as principais atualizações dos últimos dias e eram recebidos por todos aqueles que tinham cadastro na rede.

A rede do “Geração Movimento” contou com ferramentas colaborativas padrão: fóruns, grupos de estudos e fotos. Mas foram criadas também seções autorais, cujo conteúdo era produzido regularmente pelos dois gestores da rede: entrevistas, notícias, conferências ao vivo, enquetes, artigos, eventos, dicas de livros e comunicados em geral. Ainda assim, todos esses conteúdos estavam abertos a comentários e outros tipos de interação.

Antes do lançamento oficial da rede, os gestores criaram grupos de estudos virtuais voltados para temas que estavam presentes nos materiais didáticos que os educadores utilizavam nos encontros presenciais do projeto. Foram esses grupos: “Comportamento de crianças e adolescentes”, “Cultura corporal”, “Sedentarismo”, “Interdisciplinaridade e movimento”, “História da Educação Física” e “Dinâmicas de sala de aula”. Mas essas eram apenas algumas possibilidades, pois os próprios usuários da rede, como vimos, poderiam criar outros grupos de estudos virtuais.

Uma vez que a rede do “Geração Movimento” era uma rede social temática, parte de um projeto mais amplo de educação continuada a distância e que envolvia empresas e poder público, foi elaborado e disponibilizado um Guia de Regras. Esse era um dos documentos de referência da rede. Todos deveriam lê-lo antes de usa-la. Esse Guia de Regras contava com orientações básicas, objetivas e fundamentais para a utilização correta das ferramentas, para a fluidez da comunicação e, principalmente, para o bom convívio entre os participantes. O Guia, por exemplo, pregava o respeito à privacidade, o cuidado com informações confidenciais, o respeito aos

direitos autorais, o cuidado com a linguagem e com a coerência temática, entre outros. Além do Guia de Regras, a rede teve ainda um Tutorial.

## Metodologia

Durante a aplicação-piloto, três elementos da rede social foram escolhidos para avaliação: o engajamento dos usuários, suas respostas às estratégias de comunicação dos gestores e o uso das ferramentas. Para cada item foi necessário escolher uma metodologia diferente. No caso da participação dos usuários, optou-se por um modelo próximo daquilo que Robert V. Kozinets define como *Netnografia*, isto é “uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores”. (KOZINETTS, 2014, p. 9-10). Neste caso, a ideia foi identificar os diferentes grupos de usuários existentes na rede. Kozinets trabalha com quatro tipologias genéricas: *principiantes* (carentes de vínculos sociais com o grupo), *socializadores* (fortes laços pessoais com a comunidade, mas com entusiasmo limitado), *devotos* (fracos laços pessoais com a comunidade, mas com enorme entusiasmo) e *confidentes* (laços fortes e grande entusiasmo). No “Geração Movimento”, foram criadas seis categorias, definidas a partir das possibilidades de interação que a rede oferecia. São essas categorias:

**Categoria 6 (C-6):** usuários que não interagiram com nenhum conteúdo da rede social – não curtiram nenhuma página, não participaram de fóruns, grupos ou qualquer outra seção. Não enviaram mensagens públicas para outro participante e nem alteraram qualquer aspecto de seus perfis. Esses usuários ou não acessaram a rede ou foram apenas leitores passivos. São usuários com baixíssimo vínculo social com a rede.

**Categoria 5 (C-5):** usuários que se limitaram a alterar seu perfil na rede:

<sup>4</sup> O autor deste artigo foi um desses gestores.

postagem de foto, inserção/edição de dados pessoais ou customização da página pessoal. Esses usuários possuem vínculos sociais baixos, mas reais, com a rede.

**Categoria 4 (C-4):** usuários que enviaram e/ou aceitaram convites de amigos de outros usuários, e/ou curtiram conteúdos publicados na rede, desde um grupo até um fórum. Esses usuários geram conexões e tendem a se tornar mais ativos com o tempo. Por isso, são usuários com um vínculo social intermediário com a rede.

**Categoria 3 (C-3):** usuários que enviaram mensagens públicas para outros participantes ou que publicaram mensagens na *timeline* da rede, exibida para todos na página principal. Esses usuários geram conexões significativas, compartilham conteúdos e, por isso, também tendem a se tornar mais ativos com o tempo. Possuem, como aqueles da categoria C-4, um vínculo intermediário com a rede.

**Categoria 2 (C-2):** usuários que participaram de discussões em fóruns, e/ou em grupos, e/ou em seções, e/ou comentaram/postaram fotos. É um perfil bastante importante em termos de engajamento, haja vista que incrementa e sofisticam conteúdos pré-existentes. Este usuário já está produzindo conteúdos na rede, representando assim um grande ativo. Seu vínculo social é bastante poderoso e gerador de muitas conexões.

**Categoria 1 (C-1):** são usuários que iniciam fóruns e criam grupos por iniciativa própria. Esta é uma categoria avançada, pois exige grande exposição pública, criatividade e domínio técnico, quer de conteúdo, quer das ferramentas da plataforma. É o maior grau de vínculo com a rede social. Esses usuários sentem-se não só pertencentes a uma comunidade virtual, mas são os elos mais fortes da Comunidade de Prática.

Esse modelo de classificação, ainda que limitado, é bastante útil e também leva em conta as análises de Albert-László Barabási (2009), um dos pioneiros nos estudos da chamada "desigualdade das redes". Segundo Barabási, uma rede é constituída de vários nós. Mas, diferente do que se possa acreditar, esses nós não possuem a mesma importância do ponto de vista da conectividade. Há nós mais importantes do que outros. "Esses nós (*hubs*) mais importantes agregam dados e informações cruciais, além de serem os responsáveis, muitas vezes, por intermediarem um número considerável de relações que não existiriam se não fosse por eles" (MARTINO, 2015, p. 80).

Para analisar as respostas dos usuários às estratégias de comunicação dos gestores da rede, estabeleceu-se como parâmetro a relação entre os Boletins Informativos e as principais métricas de acesso a rede, medidas através do *Google Analytics*, ferramenta de monitoramento gratuita do *Google*. São essas cinco principais métricas:

**Sessões:** uma sessão individual corresponde a um conjunto de interações que um usuário estabeleceu com a rede. Por exemplo: Roberto leu um texto na página principal, comentou um fórum dentro de um grupo e adicionou uma foto. Tudo isso conta como uma única sessão. Cada sessão pode demorar minutos ou horas. Há duas formas de uma sessão terminar: permanecendo inativo por 30 minutos ou mais e à meia-noite de cada dia. Uma sessão pode ser renovada várias vezes por um mesmo usuário, em um mesmo dia. Por exemplo: de manhã, Roberto criou um fórum. Dezesseis horas depois, voltou a acessar a rede, mas desta vez criou um Grupo de Estudos e comentou uma foto. Neste caso, Roberto terá contabilizado duas sessões neste mesmo dia.

**Usuários:** diz respeito ao número de usuários que realizaram pelo menos uma sessão. Importante: uma pessoa pode ter acessado a rede várias vezes usando

dispositivos diferentes, conexões diferentes ou de lugares diferentes. Neste caso, uma mesma pessoa pode contabilizar como mais de um usuário.

**Visualizações de Página:** refere-se ao número total de páginas visualizadas por todos os usuários da rede. Exibições repetidas de uma única página são consideradas nesta contagem. Roberto, por exemplo, acessou a rede social duas vezes. Na primeira vez, em agosto, ele acessou a página principal e a página de fóruns. Na segunda, em outubro, ele visitou um grupo. No total, Roberto realizou a visualização de três páginas.

**Páginas por sessão:** Refere-se ao número de páginas visitadas em cada sessão.

**Duração da visita:** Refere-se ao tempo de duração de cada sessão.

Por fim, para avaliar o uso das ferramentas da rede social do “Geração Movimento”, foram contabilizadas, manualmente, todas as interações realizadas com as três principais ferramentas da rede: fotos, grupos e fóruns. Essa avaliação também contou com o apoio de um Relatório de Monitoramento realizado com os participantes da rede, de maneira espontânea e anônima, e dados fornecidos pelo *Google Analytics*.

## Resultados

No que tange ao engajamento dos participantes, os gestores realizam o mapeamento de todas as interações ocorridas na rede durante todo o período de execução. Esse mapeamento foi usado para montar um quadro que classificava os usuários segundo a tipologia previamente estabelecida. O resultado encontrado foi o seguinte:

**Quadro 1-** Classificação dos usuários

CATEGORIA	PERFIL	PROPORÇÃO
C-1	Usuários que iniciam fóruns e criam grupos. É uma categoria avançada, pois exige grande exposição pública, criatividade e domínio técnico.	0%
C-2	Usuários que participaram de discussões em fóruns, e/ou em grupos, e/ou em seções, e/ou comentaram/postaram fotos.	40%
C-3	Usuários que publicaram mensagens no perfil de outro participante da rede e/ou na seção “Atividade” da rede social (exibidas na <i>home</i> ).	1,4%
C-4	Usuários que enviaram e/ou aceitaram convites de amizade de outros usuários, e/ou curtiram conteúdos publicados na rede, desde um grupo até um fórum.	21,4%
C-5	Usuários que se limitaram a alterar seu perfil na rede: postagem de foto, inserção/edição de dados pessoais ou customização da página pessoal.	4,10%
C-6	Usuários que não interagiram com nenhum conteúdo da rede social – não curtiram nenhuma página, não participaram de fóruns, grupos ou qualquer outra seção. Não enviaram mensagens e nem alteraram qualquer aspecto de seus perfis.	33,1%

Fonte: Autor.

A tabela acima indica o predomínio de duas categorias: C-2 e C-6. No caso da categoria C-6, que é a segunda maior verificada na rede, é muito provável que boa parte deste contingente seja formado não de usuários descompromissados, inativos, mas de usuários que apenas realizam a leitura dos conteúdos - sem interação. Um contingente tão grande de usuários que não interagem pode parecer um problema, haja vista que vivemos uma chamada “Era da colaboração digital”. Mas devemos fazer aqui uma ressalva. De fato, a internet baseia-se, hoje, em um modelo bastante dinâmico e colaborativo. No entanto, nem todos os usuários da internet são produtores de conteúdos. Muitos – arrisca-se dizer a maioria – não se encaixam neste perfil. Interação, afinal de contas, significa exposição pública, preço que nem todos estão dispostos a pagar (SPYER, 2007). Além disso, esse tipo de protagonismo demanda tempo e algum conhecimento especializado.

No caso do C-2, temos um perfil de usuário bastante ativo. O fato deste grupo ser o maior dentro da rede é bastante positivo, sobretudo para uma rede jovem, de apenas cinco meses, cuja participação era facultativa e que funcionava paralelamente ao Ambiente Virtual de Aprendizagem no Moodle. No caso desta categoria, a mais valiosa em uma rede, não só o tempo de existência da rede é importante – fundamental para que os usuários criem laços mais profundos, bem como um sentimento de propriedade –, mas também a questão matemática. O universo do “Geração Movimento” foi bastante limitado do ponto de vista numérico. Apenas 145 professores participaram do piloto. Talvez, em um projeto com um número superior, esse grupo se desenvolva com mais facilidade. Nenhum usuário

foi classificado dentro da categoria C-1 ao longo da aplicação piloto. Acreditamos que esta categoria necessita de mais tempo para ser desenvolvida.

Restam ainda as categorias C-3, C-4 e C-5. Essas talvez sejam as categorias mais dinâmicas e as que tendem a se desenvolver mais com o passar do tempo. Sobre isso, vale fazer uma ponderação. No “Geração Movimento”, notou-se que vários participantes só passaram a interagir mais efetivamente com a rede depois das primeiras semanas de trabalho e, principalmente, depois das ações de mobilização e sensibilização dos gestores. Acreditamos, assim, que o fator tempo também seja aqui bastante importante. Isto é, acreditamos que quanto mais intenso e mais duradoura for o trabalho de mediação, mais participantes classificados nestas três categorias poderão migrar para outras categorias com maior grau de interatividade.

No que tange à maneira como os usuários responderam aos Boletins Informativos, pode-se dizer que o resultado também foi bastante expressivo. Houve, no geral, uma alta taxa de retorno, indicando que essas mensagens foram eficientes. Durante o período de execução do piloto, foram disparados 15 boletins informativos para os cadastrados na rede social. Esses boletins tinham uma periodicidade quase sempre semanal, chegando aos usuários da rede por e-mail e tendo por objetivo indicar as últimas atualizações da rede. A própria plataforma Ning foi utilizada para enviar os boletins. Para observar o impacto, foi preciso cruzar o dia de disparo de cada Boletim Informativo (BI) com os números de acesso à rede fornecidos pelo *Google Analytics* neste mesmo dia, buscando observar se houve aumento (+) ou redução (-) das métricas:

**Quadro 2** - Boletins informativos

Métrica	BI.1	BI.2	BI.3	BI.4	BI.5	BI.6	BI.7	BI.8
Sessões	+	-	+	+	-	+	+	+
Usuários	+	-	-	+	-	+	+	+
Vis. de página	+	+	-	+	-	+	+	+
Páginas por sessão	+	+	-	+	+	+	-	+
Duração da visita	+	+	-	-	+	+	+	+
Métrica	BI.9	BI.10	BI.11	BI.12	BI.13	BI.14	BI.15	
Sessões	-	+	+	+	+	-	+	
Usuários	+	+	+	+	+	-	+	
Vis. de página	-	+	+	+	-	-	+	
Páginas por sessão	-	+	-	+	-	+	-	
Duração da visita	+	+	+	+	+	-	+	

Fonte: Autor.

De acordo com a tabela anterior, percebemos que os Boletins Informativos foram extremamente eficientes. Em 73,3% dos casos, o disparo dos BI gerou aumento do número de sessões e de usuários; em 66,6%, aumentou o número de visualizações de páginas; em 60%, houve aumento no número de páginas por seções e em 80% houve crescimento na média de duração das visitas. Além disso, 33,3% dos BI aumentaram todas as cinco métricas; 26,6% dos BI aumentaram quatro das cinco métricas; 13,3% dos BI aumentaram três das cinco métricas; 13,3% dos BI aumentaram duas das cinco métricas e 13,3% dos BI aumentaram ao menos uma das cinco métricas. E não se pode desconsiderar que um dos dias de emissão do Boletim Informativo (BI5, onde apenas duas métricas aumentaram) foi feriado nacional (7 de setembro).

Finalmente, o terceiro e último elemento aqui analisado: o uso das ferramentas. A saber, são três as ferramentas aqui examinadas: fóruns, fotos e grupos. O fórum pode ser considerado a ferramenta mais estratégica da rede, já que é por meio dele que os participantes interagem mais diretamente com

os conteúdos do projeto e com os demais membros da comunidade, articulando saberes, construindo argumentos, compartilhando opiniões e, com isso, criando conhecimento. No decorrer do piloto foram criados nove fóruns de debate. Todos foram criados pelos gestores (importante lembrar que não houve participante classificado na categoria C-1). No total, 52 professores participaram de pelo menos um desses nove fóruns, o que representa 35,8% da rede. Este número pode ser considerado muito positivo, lembrando mais uma vez que a participação na rede era facultativa e que esta ocorrida simultaneamente a outras atividades (obrigatórias) do “Geração Movimento”, como os Grupos de Estudo e a participação no Ambiente Virtual de Aprendizagem. De acordo com o *Google Analytics*, a página de fóruns foi a terceira mais acessada da rede social durante todo o período de execução do projeto piloto. Além disso, três fóruns aparecem na lista das 25 páginas mais acessadas da rede: o fórum de apresentação dos usuários, o fórum sobre bem-estar corporal e aprendizagem e o fórum sobre o sedentarismo.

Foram adicionadas 94 fotos à rede social – cerca de uma foto para cada dois integrantes. No entanto, apenas doze participantes (8,3%) foram responsáveis por essas postagens. As fotos cobriram os seguintes temas ou eventos escolares: dinâmicas com a comunidade escolar, atividades desenvolvidas na escola, reunião dos Grupos de Estudo presenciais, aulas de ioga para alunos, brincadeiras, jogos de inclusão de alunos especiais, entre outros. Apesar de ser um número aparentemente baixo, deve-se levar em consideração aqui três aspectos importantes. Em primeiro lugar, a necessidade de adequação à temática da rede. Isso dificulta a produção das fotos. Em segundo lugar, o envio de uma foto para a rede pressupõe uma operação complexa: estar presente em um evento coerente com a temática da rede, produzir a fotografia em si e fazer a transferência da fotografia para o computador e deste para a rede. Finalmente, em terceiro lugar, mas não menos importante, é preciso sublinhar que a maior parte das imagens ilustram atividades escolares coletivas. Um mesmo docente pode postar fotos em nome de um grupo de docentes que participaram da atividade que foi fotografada e postada na rede.

Ainda sobre as fotos, dois fatos devem ser mencionados. O respeito à temática da rede sugere que tanto o Tutorial quanto o Guia de Regras cumpriram seus papéis. Ambos os documentos de referência estão entre as vinte primeiras páginas mais visitadas da rede, de acordo com a medição feita pelo *Google Analytics*. Além disso, a página de fotos é a sétima mais acessada da rede, indicando que seu sucesso deve ser medido não somente em função da produção das fotos, mas também da apreciação.

Conforme mencionado anteriormente, foram criados seis grupos na rede, todos de iniciativa dos gestores e abordando temas específicos. A seguir vemos a quantidade de participantes de cada grupo: Comportamento de crianças e adolescentes (17 membros), Sedentarismo (13 membros), Cultura corporal (13 membros), História da Educação Física (10 membros), Interdisciplinaridade e movimento (9 membros) e Dinâmica em sala de aula (8 membros). A adesão aos grupos foi bastante discreta do ponto de

vista quantitativo: apenas 25 professores participaram diretamente (17,24%) desses grupos. O *Google Analytics*, neste ponto, também indica uma baixa adesão. Porém, a avaliação qualitativa amplia a percepção do impacto. Em novembro de 2015, foi realizada uma pesquisa de acompanhamento com os participantes do “Geração Movimento”. O objetivo desta pesquisa era conhecer melhor a avaliação que os professores faziam do projeto de uma maneira geral, incluindo aí a rede social. O questionário de acompanhamento foi inserido em um endereço online e os educadores inscritos no “Geração Movimento” foram estimulados a responder de forma anônima. Um total de 102 participantes respondeu ao questionário de acompanhamento no período de sete de outubro a dois de novembro de 2015. Essa amostra corresponde a uma taxa de retorno de 70,3%, que é bastante satisfatória. Considerando-se apenas as respostas daqueles que utilizaram os recursos da rede, foi observada a seguinte avaliação quanto à contribuição dos grupos para a aprendizagem: 40,6% indicaram muita contribuição; 24,3% moderada contribuição; 27% pouca contribuição; 8,1% nenhuma contribuição;

Ainda dentro deste relatório, encontramos também dados relativos às outras duas ferramentas aqui em análise. Fóruns: 31,1% muita contribuição; 41,6% moderada contribuição; 26% pouca contribuição; 1,3% nenhuma contribuição; Fotos: 35,5% muita contribuição; 43% moderada contribuição; 21,5% pouca contribuição; 0% nenhuma contribuição. São resultados complementares àqueles quantitativos, vistos há pouco. Em alguns casos, são surpreendentes, caso dos referentes aos Grupos de Estudos Virtuais. Embora apenas 17,24% dos docentes dos usuários tenham usado a ferramenta diretamente – era possível ler os conteúdos do grupo, mesmo sem fazer parte do grupo, o que pode ser considerado um uso indireto –, 40,6% avaliaram que eles contribuíram demais.

### Considerações Finais

Como foi mencionado, o projeto-piloto do “Geração Movimento” teve uma duração aproximada de cinco meses, envolveu um universo

bastante limitado de participantes (145) e não constituiu uma experiência obrigatória dentro do escopo do projeto, ocorrendo concomitantemente a outras atividades. Tendo em vista os resultados anteriormente arrolados, a avaliação é que, de fato, a rede social funcionou muito bem como espaço online complementar ao Ambiente de Aprendizagem Virtual. Essa percepção deriva não só do fato de que parte expressiva dos participantes interagiu em algum momento com a rede, mas também porque boa parte dessas interações puderam ser classificadas dentro de uma categoria bastante ativa, sendo ali possível observar os *hubs* valiosos de Barabási (usuários C-2). Além disso, positiva foi também a estratégia de comunicação regular dos gestores da rede, por meio dos Boletins Informativos, que conseguiram, de fato, manter a rede acessada durante um longo período. Durante os seus cinco meses de existência, a rede obteve 8.877 seções, abertas por 2.595 usuários, que chegaram a alcançar um tempo médio de 12 minutos por visita segundo dados do Google Analytics. E quanto às ferramentas, o entendimento é que o resultado também foi positivo, sobretudo no que diz respeito ao uso dos fóruns de debate por boa parte dos usuários. Acredita-se que essas ferramentas, ajudaram a desenvolver competências do paradigma informacional que são fundamentais ao educador, principalmente a colaboração. Tendo em vista todos esses resultados, acredita-se que a rede social do “Geração Movimento” se tornou efetivamente uma Comunidade de Prática Virtual.

Com base nesta experiência, sobressai a importância do Boletim Informativo, de documentos de referência como o Guia de Regras e do Tutorial. Além disso, o desenvolvimento de categorias para agrupar usuários pode ser útil não só na avaliação final do projeto, mas também como uma maneira de planejar ações direcionadas, ainda durante o projeto, visando o desenvolvimento da rede. Uma vez que os usuários se comportam de maneiras diferentes, devem contar com estímulos também diferentes, condizentes com o seu perfil. A questão da duração do projeto, ainda dentro desta reflexão,

é muito importante. Em geral, projetos de formação continuada a distância são curtos. Isso pode dificultar o desenvolvimento de grupos de usuários com perfil mais ativo. Um tempo maior seria indicado para isso ocorresse. É possível acreditar que projetos com a característica do “Geração Movimento” produzem melhores resultados, especialmente no que tange ao uso de recursos, quando duram mais que seis meses.

No decorrer de 2016, o “Geração Movimento” será ampliado. Além de Joinville, em Santa Catarina, docentes de Sumaré, em São Paulo, também farão parte do projeto e, conseqüentemente da rede social. Será ampliado, desta forma, o quantitativo de usuários da rede – o que pode significar o desenvolvimento da categoria C-1. Além disso, pela primeira vez no projeto, o projeto terá um ano de duração e educadores de dois estados brasileiros poderão interagir, compartilhar experiências e saberes.

## Referências

- BARABÁSI, A. L. *Linked (conectado): a nova ciência dos networks*. São Paulo: Leopard, 2009.
- BIELACZYK, K.; COLLINS, A. Learning communities in classrooms: a reconceptualization of educational practice. In: REIGELUTH, C. M. (Ed.). *Instructional-design theories and models: a new paradigm of instructional theory*. New York: Routledge, 1999. v. 2, p. 269-292.
- BRAGA, M. M. Uma proposta de modelo de plataforma de colaboração para comunidades de prática no ambiente de TV Digital. 2012. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COLL, C.; MONEREO, C. *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

- DE MARSICO, Maria et al. Social network analysis and evaluation of communities of practice of teachers: a case study. In: CAO, Y.; et al. (Ed.). *New horizons in web based learning*. New York: Springer, 2014. p. 3-12. (Lecture Notes in Computer Science, v. 8699).
- GIGLIO, K.; SOUZA, M. V.; SPANHOL, F. J. Redes sociais e ambientes virtuais: reflexões para uma educação em rede. In: SOUZA, M. V.; GIGLIO, K. (Org.). *Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 105-120.
- KOLLOCK, P. The economies of online cooperation: gifts and public goods in cyberspace. In: SMITH, M. A.; KOLLOCK, P. *Communities in cyberspace*. New York: Routledge, 1999. p. 220-239.
- KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: University Press, 1991.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- PEIXOTO, C. *Guia do participante: "Geração Movimento"*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; Instituto Coca-Cola Brasil, 2015.
- SPYER, J. *Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- ULBRICHT, V. R. et al. Redes sociais temáticas apoiando AVEA-I. In: BUSARELLO, R. I.; BIEGING, P.; ULBRICHT, V. R. (Org.). *Mídia e educação: novos olhares para a aprendizagem sem fronteiras*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2013. p. 118-130.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: M. Fontes, 1991.
- WENGER, E.; MCDERMOTT, R. A.; SNYDER, W. *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston: Harvard Business Press, 2002.

Recebido em: 25 maio 2015.  
provado em: 14 jul. 2016.

